

**A MANIFESTAÇÃO DAS MODALIDADES NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS DA
ÁREA DA LINGUÍSTICA SOB UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

**THE MANIFESTATION OF MODALS IN SCIENTIFIC PAPERS OF
LINGUISTICS IN A FUNCTIONAL PERSPECTIVE**

Valdete A. Borges Andrade¹

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de analisar as marcas linguísticas em artigos científicos, a fim de verificar as regularidades/generalizações das modalidades, bem como definir esses marcadores de acordo com o modelo clássico originado por Aristóteles e reelaborado por Travaglia (1991, p.79). Além disso, apresenta a definição das modalidades linguísticas sob o ponto de vista de diferentes autores e, por fim, faz uma análise da atuação dessas modalidades em fragmentos de artigos científicos pertencentes à revista ALFA. Para tanto, utiliza a contribuição teórica de Travaglia (1991), Coracini (1991), Bentes (2001), Koch (1996). Para verificar o funcionamento das modalidades, como procedimento comunicativo e de interação social, utilizamos a abordagem funcionalista de Halliday (1985), a qual pressupõe uma verificação de como o falante utiliza a língua de maneira eficiente, ou seja, examinamos sua competência comunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: Modalidades; Artigos científicos; Funcionalismo

ABSTRACT: This paper aims to analyze the linguistic marks in scientific papers so as to verify the regularities/generalizations of modals as well as to define such modals according to the classic model of Aristotles which was re-elaborated by Travaglia (1991, p. 79). Besides, the definition of linguistic modals is presented according to several authors and eventually we perform an analysis of the role of such modals in fragments of scientific papers of ALFA magazine. Therefore, we resort to the theoretical contributions of Travaglia (1991), Coracini (1991), Bentes (2001), Koch (1996). To verify the function of the modals as communicative procedure and social interaction, we are considering the functional approach of Halliday (1985) which is based on a verification of how the speaker uses the language in an efficient way, that is, his communicative competence is examined.

KEY-WORDS: Modals; Scientific papers; Functionalism.

¹ Mestre em Linguística Textual pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia; doutoranda, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni, em Análise Crítica de Discurso (Apoio CAPES) pela mesma universidade.
E-mail: valborgesandrade@gmail.com

Introdução

A proposta deste trabalho é analisar a manifestação das modalidades em artigos científicos na área da Linguística publicados pela Revista ALFA. Para esta análise, não só observamos como se processam as modalidades em artigos científicos da área da Linguística, considerando sua dinamicidade, como também as generalizações das marcas linguísticas de modalidade, buscando regularidades de seu uso específicas do gênero em foco.

Para verificar o funcionamento das modalidades, como procedimento comunicativo e de interação social, utilizamos a abordagem funcionalista de Halliday (1985), a qual pressupõe uma verificação de como o falante utiliza a língua de maneira eficiente, ou seja, examinamos sua competência comunicativa.

Geralmente, ao se produzir um texto, um dos principais objetivos do autor é convencer o leitor de seus posicionamentos. Para isso, ele argumenta a favor de suas ideias, mobilizando, conscientemente, recursos lingüísticos. Acerca dessa afirmativa, Bentes (2001, p. 254) explica que:

a produção textual é uma atividade verbal consciente, isto é, trata-se de uma atividade intencional, por meio da qual o falante dará a entender seus propósitos, sempre levando em conta as condições em que a atividade é produzida; considera-se, dentro dessa concepção, que o sujeito falante possui um papel ativo na mobilização de certos tipos de conhecimentos, de elementos lingüísticos, de fatores pragmáticos e interacionais, ao produzir um texto. (BENTES, 2001, p. 254)

Dessa forma, os atos ilocucionários são considerados como atos dotados de valor argumentativo. Assim, nossa análise se justifica, pois as modalidades funcionam não só para marcar a intenção do falante e regular seus atos ilocucionários, mas também para argumentar em favor de sua vontade e ideologia.

Para melhor organização desse trabalho, optamos por dividi-lo em cinco seções, quais sejam: 1ª) apresentamos uma abordagem sobre as diretrizes teórico-metodológicas da abordagem funcionalista, e enfocamos, de forma breve, a teoria sobre o funcionalismo em Halliday (1985); 2ª) apresentamos as definições de modalidades de autores tais como: Koch (1996), Travaglia (1991) e Guimarães (1979); 3ª) apresentamos algumas considerações sobre o gênero artigo científico e suas estratégias persuasivas; 4ª) tratamos sobre a estrutura do gênero artigo científico; 5ª) analisamos as

modalidades na introdução, no desenvolvimento e nas considerações finais dos artigos científicos. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências.

1 O FUNCIONALISMO

Apresentamos aqui, de forma sucinta, a partir da observação das diretrizes teórico-metodológicas empreendidas pela abordagem funcionalista, a relevância dessas para os estudos da linguagem. De um modo geral, pode-se dizer que o funcionalismo consiste em qualquer abordagem linguística que dá importância aos propósitos inerentes ao emprego da linguagem.

Conforme Neves (2004), a teoria funcionalista leva em consideração, na análise, toda a situação comunicativa, quais sejam: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo. Podemos dizer que os funcionalistas se preocupam com a função dos meios linguísticos de expressão, ou seja,

com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social, e não tanto com as características internas da língua; frisam, assim, a importância do papel do contexto social na compreensão da natureza das línguas. (NEVES, 2004, p. 41).

1.1 O funcionalismo em Halliday

Segundo Halliday (1985), para o Funcionalismo a língua é instrumento de interação social cuja função é a comunicação. Convém ressaltar que, nos estudos funcionalistas, as expressões linguísticas resultantes de uma intenção comunicativa não são dissociadas do contexto sócio-histórico. Ou seja, como a linguagem é um lugar de interação comunicativa, inevitavelmente, os indivíduos se posicionam linguisticamente a partir do lugar em que estão inseridos.

Quanto às estruturas das expressões linguísticas, estas são configurações de funções, cada qual tendo uma significação na sentença. O funcionalismo, segundo Halliday (1985), ressalta o objetivo principal da linguagem, que é o de, prioritariamente, transmitir informações aos interlocutores em geral. Quando se fala em funcionalismo,

insiste-se na ideia de uma análise linguística que considera metodologicamente o componente discursivo, dada a sua função prioritária na gramática de uma língua.

Assim, a abordagem funcionalista está assentada na retórica e na etnografia, com orientação paradigmática. Nesse sentido, as gramáticas funcionais concebem a língua como uma rede de relações, enfatizando as variações entre diferentes línguas, considerando a semântica como base de análise e organizando-a em função do texto ou do discurso. Segundo Halliday (1985):

Para a perspectiva funcionalista, há uma relação não-arbitrária entre a estrutura da língua e suas regularidades, explicadas a partir da maneira como os falantes se comunicam. As estruturas das expressões estão a serviço de algumas funções como a ideacional, a interpessoal e a textual. Essas funções dizem respeito ao modo e organização do discurso em determinado contexto discursivo (função textual), ao modo como o falante organiza a experiência sobre o mundo (ideacional) e ao modo como se dá a interação entre falante e ouvinte e outros fatores da situação de interação (interpessoal). (HALLIDAY, 1985, p. 78).

Em face disso, para a abordagem funcionalista existe uma relação não arbitrária entre a língua e as suas regularidades, ou seja, existe uma correspondência sistemática entre a forma linguística e o seu conteúdo.

2. DEFINIÇÃO DE MODALIDADE SOB O PONTO DE VISTA DE DIFERENTES AUTORES

A partir dos trabalhos de Aristóteles, vários autores têm definido modalidades como as marcas de atitude do falante em relação ao que ele diz. Segundo Koch (1996, p.75), “consideram-se as modalidades como parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz.” De acordo com a referida autora, as modalidades mais reconhecidas são as aléticas, ontológicas ou aristotélicas, pois se referem ao eixo da existência, ou seja, determinam o valor de verdade de proposições.

Travaglia (1991, p 78) explica que “tem-se definido modalidade como a indicação de atitude do falante em relação ao que diz; a explicitação de sua atitude face à situação que exprime numa proposição; a expressão do julgamento do locutor sobre o que diz.”

O quadro abaixo, elaborado de acordo com o modelo clássico originado nos trabalhos de Aristóteles e reelaborado por Travaglia (1991, p. 79), mostra as modalidades estudadas para este trabalho.

Imperativas	Obrigação	
	Permissão	
	Ordem	Positiva
		Negativa
	Proibição	
	Prescrição	
Deônticas	Obrigatoriedade	
	Permissibilidade	
Volitiva	Volição	
Aléticas	Necessidade	
	Possibilidade	
Epistêmicas	Certeza	
	Probabilidade	
Ausência de Modalidade		

Quadro 1- Elaborado por Travaglia (1991, p. 78)

Segundo Travaglia (1991), as modalidades são assim definidas:

- 1- As modalidades imperativas marcam o que o falante vê o que diz como algo cuja realização ou não por outrem ou por ele mesmo é algo que ele pode determinar. Ele encara o que é dito como uma situação sobre cuja realização ele tem controle ou poder.
- 2- As modalidades deônticas têm a ver com a moral, o tratado dos deveres, das normas de conduta.
- 3- Na modalidade volitiva, a “determinação” de realização da situação é interior ao locutor, originada em sua vontade, desejo, portanto em sua emotividade ou elementos profundos da psique que cabe mais à psicanálise determinar.
- 4- As modalidades aléticas referem-se ao fato de o locutor ver a realização da situação como algo possível, viável (possibilidade) ou necessário, ou seja, como algo essencial, indispensável, inevitável (necessidade).
- 5- As modalidades epistêmicas têm a ver com “o comprometimento da fonte a respeito de status factual do que ele está dizendo” (LYONS (1969, p. 307) *apud* Kalmár (1982, p. 46), elas revelam “a crença do locutor na verdade do que diz, no momento da enunciação” (GUIMARÃES, 1979, p. 67)

Esse quadro das modalidades foi selecionado para compor nosso estudo, uma vez que, além de conceituar de maneira clara e objetiva as modalidades linguísticas, ele é mais completo que as abordagens das modalidades clássicas que têm origem nos trabalhos de Aristóteles. As modalidades consideradas tradicionais são assim divididas:

aléticas, epistêmicas e deônticas. Entretanto, Travaglia (1991, p. 79) por considerar que o modelo clássico é incompleto para mostrar as nuances de atitude do falante, acrescenta às modalidades clássicas, as volitivas e as imperativas.

A fim de enriquecer o trabalho, é importante ressaltar outro quadro de modalidade apresentada por Guimarães (*apud* KOCH 1979), qual seja:

obrigação e permissão	- modalidade Imperativa (eu ordeno, eu permito)
necessidade	- modalidade alética (é necessário)
obrigatoriedade e permissividade	- modalidade deôntica (é obrigatório, é permitido)
afirmação	- modalidade assertiva
probabilidade e certeza	- modalidade epistêmica
possibilidade	- modalidade cognitiva

De acordo com Koch (1996, p. 87), existem vários tipos de lexicalização possíveis das modalidades, como: a) os performativos explícitos; eu ordeno, eu proíbo; b) auxiliares modais: poder, dever, querer...; c) os predicados cristalizados: é certo, é preciso; d) os advérbios modalizadores: provavelmente, certamente...; e) as formas perifrásticas: dever, poder, querer, + infinitivo; f) os modos e tempos verbais; g) os verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei; h) a entonação; i) os operadores argumentativos: pouco; um pouco....

Neste estudo, verificamos, a partir de uma abordagem semântica, pragmática e discursiva, regularidades/generalizações do funcionamento das modalidades de acordo com os tipos de lexicalização propostos por Koch (1996, p. 87).

3 GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO E SUAS ESTRATÉGIAS PERSUASIVAS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Partimos do pressuposto de que “todo texto, é argumentativo, porque todos são, de certa maneira, persuasivos. Alguns se apresentam explicitamente como discursos persuasivos, como a publicidade, outros se colocam como discursos de busca e comunicação do conhecimento, como o científico” (PLATÃO; FIORIN, 1996, p. 284). Em vista disso, devemos considerar que, em nossa cultura, desde a antiguidade, perpetua-se o mito da imparcialidade e da neutralidade do discurso científico. Acredita-se que o valor da ciência está na construção da objetividade científica.

Entretanto, deve-se considerar que, em qualquer ato de fala, a neutralidade ao relatar fatos ou acontecimentos não existe, mesmo que essa imparcialidade seja um dos objetivos do falante. O produtor de um discurso científico tenta ser objetivo e, por vezes, camufla a subjetividade, buscando a neutralidade. Sabemos que essa neutralidade e imparcialidade estão longe de serem alcançadas, pois todo falante pertence a um contexto histórico-social e está inserido em uma determinada comunidade discursiva (SWALES, 1990) e, portanto, seus valores, crenças e costumes se manifestam sob diferentes vozes (polifonia) no discurso científico, o que dificulta a obtenção da objetividade científica.

Segundo Coracini (1991, p.113), “a modalidade é a expressão da subjetividade de um enunciador que assume com maior ou menor força o que enuncia, ora comprometendo-se, ora afastando-se, seguindo normas determinadas pela comunidade em que se insere.” Assim, para cada enunciado, o produtor do texto seleciona determinados elementos linguísticos como estratégia argumentativa para persuadir e manipular o leitor.

Deste modo, os marcadores linguísticos têm a função de modificar o sentido do texto a partir da intenção comunicativa do produtor. Ou seja, aquele que tiver um maior conhecimento sobre este assunto será mais bem sucedido em relação ao seu propósito comunicativo, pois operacionalizando tais recursos, o falante consegue convencer com mais facilidade o leitor sobre suas descobertas, no caso, científicas.

Assim, é por meio dessas marcas ou pistas linguísticas, que o produtor textual constrói a argumentação e materializa sua intenção comunicativa. Estes recursos utilizados, portanto, revelam o caráter “manipulador” dos textos que circulam na sociedade.

4 A SUPERESTRUTURA DO GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO

Segundo Marconi e Lakatos (1982), exige-se sempre a mesma estrutura nos artigos científicos: introdução, desenvolvimento e conclusão. O uso dessa padronização ajuda em uma possível avaliação, pois o autor, ao utilizá-la, dá indícios de que teve um cuidado especial ao “construir” o texto e uma maior preocupação com o conteúdo. Sobre essa estrutura Castro (1976) esclarece:

- Introdução. O autor deve informar o assunto que irá tratar, o objetivo e a metodologia para que o leitor tenha uma visão clara daquilo que se pretende

desenvolver na pesquisa. O autor precisa ter em mente alguns pontos que devem ser considerados: (i) *Importância do assunto ou do tópico*, o qual cabe ao autor avaliar a importância daquilo que ele pretende pesquisar. (ii) *O que se sabe sobre o assunto*. Deve-se investigar o que já foi publicado sobre o assunto. Esse tipo de pesquisa é frequentemente chamado de “revisão da literatura”.

- Desenvolvimento. Refere-se à exposição de um problema, de uma dúvida ou de uma curiosidade. Nesta parte do artigo, a análise dos dados deve ser verdadeira, ou seja, é necessário que o autor demonstre a veracidade dos dados analisados.
- Conclusão². A conclusão é a retomada do que foi apresentado de maneira ampla na introdução e é também o momento da avaliação dos resultados da pesquisa. Na realidade, o que se busca nesse item é expor as contribuições mais relevantes da pesquisa, bem como seus pontos fracos e a possibilidade, por parte do leitor, de ampliar a pesquisa. “Uma pesquisa abre novas perspectivas, sugere áreas em que nosso conhecimento é precário e abala convicções antigas; tais implicações devem ser exploradas no capítulo de conclusões.” (CASTRO, 1976, p.12)

Já Van Dijk (1983, p.164) assevera que a superestrutura do gênero artigo científico apresenta uma variante especial das superestruturas argumentativas. Para ele, a estrutura básica do artigo científico consiste em uma conclusão e sua justificativa, como também a colocação de um problema e uma solução. Segundo Van Dijk:

Em los discursos científicos se presenta una variante especial de las superestructuras argumentativas, de las que aqui daremos un breve ejemplo. La estructura básica del discurso científico no (sólo) consiste en una CONCLUSION y su JUSTIFICACION, sino también en un PLANTEO DEL PROBLEMA y una SOLUCION. (VAN DIJK, 1983, p.164)

Para Van Dijk, os discursos científicos se apresentam bem diferentes em outras disciplinas, e sua estrutura global pode ser claramente modificada. Entretanto, a aceitabilidade da publicação vai depender de uma série de critérios que exigem métodos e comunicação adequados. Para o autor, não é necessário que um artigo tenha um esquema canônico como o de Castro (1976).

Convém ressaltar que, neste estudo, consideraremos as possibilidades de superestruturas de artigos científicos apresentados tanto por Castro como por Van Dijk.

² Neste artigo, o termo conclusão é tido como considerações finais, por acreditarmos que nenhum estudo está totalmente finalizado, que sempre existe outras interpretações, possibilidades de se pensar a pesquisa de outra forma.

5 MANIFESTAÇÃO DAS MODALIDADES

Partindo do pressuposto de que a manifestação das modalidades pode acontecer sob diferentes formas de empregos linguísticos, nossa análise considera esses diferentes empregos, representados pelos verbos, advérbios, substantivos, auxiliares modais..., e também a manifestação dos mesmos itens lexicais sendo utilizados para fins distintos.

Como exemplo de um mesmo item lexical utilizado com funções diferentes, apresentamos algumas possibilidades do uso do verbo poder estudadas por Koch (1996, p. 74):

- Paulo **pode levantar** este embrulho sem esforço.
- Paulo **pode ir** ao cinema hoje, eu lhe dei minha permissão.
- Cuidado, esta jarra **pode cair**!
- Os inimigos **podiam ser** uns cem.
- O pai **pode castigar** os filhos desobedientes

Vejamos um exemplo do nosso *corpus* em que uma modalidade é utilizada com a função de outra.

(1) Partindo do princípio de que um dicionário de língua **deve ser** avaliado a partir de sua concepção teórica, entendendo-se esta como uma teria gramatical, uma das enfrentadas pelo dicionarista é como organizar verbetes de palavras gramaticais. (BORBA, 2007, p. 137)

Na proposição, temos o verbo dever (auxiliar modal) + ser (infinitivo) que, normalmente, é empregado como uma modalidade deôntica, entretanto está sendo usado com a função de necessidade (modalidade alética). Vale ressaltar que esse é um exemplo, retirado do *corpus* de nossa pesquisa, de um mesmo item lexical que estabelece outra função dentro do texto.

5.1 Análise da função das modalidades na introdução dos artigos científicos

As modalidades epistêmicas “referem-se ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento que temos de um estado de coisas”. (KOCK, 1996, p. 77). Já as modalidades aléticas referem-se ao fato de o locutor ver a realização da situação como

algo possível, viável (possibilidade) ou necessário, ou seja, como algo essencial, indispensável, inevitável (necessidade). (TRAVAGLIA, 1991, p. 78).

Ao utilizar as modalidades epistêmicas, o falante inevitavelmente transita entre diferentes graus de certeza absoluta e de incerteza. De acordo com a intenção comunicativa do autor do texto, o discurso se apresentará, por meio das modalidades, relativizado (não-conhecimento) ou marcado pela presença da certeza, da asseveração (conhecimento).

Como foi dito anteriormente, as modalidades são algumas das diferentes possibilidades que a língua nos oferece para expressar as nuances de atitude do falante em um discurso. Desse modo, observemos as asseverações e as relativizações que aparecem na introdução do *corpus* dos três artigos da Revista Alfa analisado por nós.

Para facilitar nosso estudo, nos exemplos (2), (3), (4), (5) e (6), optamos por colocar a marca de incerteza em letras MAIÚSCULAS e de certeza em **negrito** :

(2) SERIA PRECISO ocupar-se de textos que **operam** com a paixão, definida como qualquer “estado de alma”. (FIORIN, 2007, p. 10)

(3) PODE-SE TOMAR essa distinção para dizer que a Semiótica **estuda** as paixões manifestadas na enunciação e no enunciado. (FIORIN, 2007, p. 11)

(4) Por um lado, **conferem** a Saussure a emergência da autonomia de um objeto e o advento da positividade científica de uma teoria e de um método; por outro, **reclamam** a necessidade de se focalizar aquilo que **PRETENSAMENTE TERIA SIDO** excluído das considerações saussurianas, como a “subjetividade na linguagem” e a “ordem do discurso”. (PIOVEZANI, 2008, p. 8)

(5) Mas o que mais chama a atenção **é** a variedade dos tipos de informação, de tal que cada uma **PARECE** exclusiva, e **não é**, é claro. (BORBA, 2007, p. 138)

(6) A causa **MAIS PROVÁVEL** dessa situação **está** na ausência de teoria gramatical subjacente à organização do dicionário, já que é essa teoria que **lhe dá** coerência interna. (BORBA, 2007, p. 139)

Na introdução dos artigos científicos, os articulistas, para marcar a certeza, utilizam o presente do indicativo; já a dúvida, a incerteza e a hipótese, o futuro do pretérito do indicativo.

De acordo com Travaglia (1999b, p. 683), o valor básico do futuro do pretérito é indicar a posterioridade seja ela temporal ou nocional. Para as situações expressas posteriores a um determinado momento, têm-se diferentes valores nocionais, tais como: polidez, cortesia, condição, polidez e incerteza, hipótese, dúvida. Esses valores

desencadeiam o que habitualmente chamamos de valores modais. São esses valores modais de possibilidade e probabilidade que aparecem com mais regularidade na introdução dos artigos analisados.

As modalidades epistêmicas podem vir combinadas às modalidades aléticas como em (2) e (3):

“SERIA PRECISO” - (possibilidade + probabilidade)

“PODE-SE TOMAR” - (possibilidade + certeza)

Desse modo, o uso das modalidades epistêmicas e aléticas na parte introdutória do artigo científico têm a função de fazer com que o leitor passe a confiar nas asserções do produtor. Porém, esse mesmo produtor, nos momentos de incerteza e para não demonstrar uma falta de domínio sobre o assunto, utiliza o jogo da modalidade. Ou seja, há a alternância entre a certeza absoluta e a dúvida para justificar o não-conhecimento e obter a confiança do leitor sem que se utilize um discurso autoritário.

(7) Essa é a parte sombria da universidade. Nas relações acadêmicas, o *éros* está completamente ausente e o *thánatos* reina triunfante. E o sentimento que domina tudo é o ressentimento. **Vamos buscar** entendê-lo e verificar como ele se manifesta na academia.(FIORIN, 2007, p. 14)

(8) Assim, o presente não herda o passado, mas o constrói à sua maneira. Na história da Lingüística, a obra de Saussure não escapou dessas vicissitudes; antes, ela ressurgiu por várias razões. **Cabe-nos começar** a refletir sobre esse seu ressurgimento. (PIOVEZANI, 2008, p. 11)

(9) Por isso, **proponho**, para as palavras gramaticais, uma teoria gramatical extraída dos princípios gerais do estruturalismo ortodoxo, de base distribucional, na linha de Harris. (BORBA, 2007, p. 139)

Nas passagens (7), (8) e (9), as quais estão localizadas no término das considerações finais, tem-se a ocorrência da modalidade volitiva. O produtor textual apresenta a realização da situação como algo desejável, e que, conseqüentemente, tem a intenção de realizar.

Assim, os organizadores textuais “vamos buscar”, “cabe-nos começar”, “proponho” têm a função de sinalizar o início da análise. Desse modo, esses organizadores textuais além de marcar a sequência linear do texto, atuam, nas considerações finais dos artigos científicos, como modalizadores.

5.2 Análise da função das modalidades na parte do desenvolvimento dos artigos científicos

No desenvolvimento dos artigos científicos, ou seja, na análise dos dados são utilizadas as modalidades com um grau maior de certeza (modalidade epistêmica). Nesse caso, o produtor textual assume um comprometimento maior em relação ao que afirma.

(10) No entanto, os afetos marcam **profundamente** as relações acadêmicas. (FIORIN, 2007, p. 13)

(11) O fato de que a AD tenha surgido nesse contexto contribuiu **decisivamente** para promover a leitura que Pêcheux fez da obra saussuriana, quando da concepção dos primeiros textos da AD. (PIOVEZANI, 2008, p.14)

(12) A situação apresentada acima mostra **especialmente** como a classe adverbial se expande pelo expediente da gramaticalização. (FIORIN, 2007, p. 142)

Sintaticamente, os advérbios modalizadores, nos exemplos (10), (11) e (12), ao se posicionarem logo após o verbo, o afetam mais diretamente, o que faz com que o valor de asseveração da proposição que se mantenha.

Desse modo, pode-se observar que a função de alguns advérbios modalizadores (modalidade epistêmica) é enfatizar um determinado elemento no interior do texto. O autor usa esses modalizadores para convencer o leitor de suas asseverações, e, assim, ganhar, supostamente, sua adesão. Segundo Ilari (2002, p. 203), o caráter modalizador dos advérbios do tipo: “profundamente, decisivamente, especialmente”, dá como efeito de sentido a ênfase do conteúdo proposicional, revelando um alto grau de adesão do leitor.

Por outro lado, Travaglia (1999, p. 77) assevera que o falante dá destaque a determinados elementos dentro do texto, colocando-os em proeminência em relação a outros, utiliza o fenômeno chamado relevo³. “Parece que o falante dá relevo a elementos dentro do desenvolvimento do tópico discursivo por razões diversas, sobretudo por

³ Ver sobre relevo em Gramática em TRAVAGLIA, L. C. in Maria Helena de Moura Neves (Org.). Gramática do português falado. Unicamp, 1999b, p. 673-697.

razões ideacionais/cognitivas, argumentativas e emocionais, com diferentes funções” (TRAVAGLIA, 1999, p. 78). A função básica do relevo é dar destaque, ou seja, enfatizar, intensificar, reforçar um argumento.

Nessa linha de pensamento, pode-se dizer que o uso dos advérbios modalizadores nas proposições (10), (11), (12) configura-se como um recurso de relevo. Esse tipo de relevo pertence ao plano do relevo ideacional/cognitivo, pois o autor dá destaque a determinados elementos que ele quer chamar atenção e que são relevantes para o que está sendo colocado.

(13) **Talvez** a análise da personagem Juliana, criada de Luísa, de *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, ajude a entender esse comportamento. (FIORIN, 2007) (ALFA, 2007, p. 19)

(14) **Talvez**, o contexto em que emergiram esses dois campos de estudo da linguagem estivesse propício à reivindicação da herança de Saussure, o que permitiria, inclusive, a ultrapassagem das fronteiras da Linguística. (PIOVEZANI, 2008, p. 10)

(15) **Talvez** pelo fato de o corpo humano ser um ponto de referência na localização espacial, quando um nome de parte do corpo [pé, mão, braço, cabeça, testa, boca, costas, nariz] ocupa o centro do sintagma, desenvolve-se uma cadeia de gramaticalização, ou seja, uma estrutura linear que **pode ser** descrita como um *continuum* ou uma escala, que vai do concreto e lexical para o abstrato e gramatical. (BORBA, 2007, p. 141)

Em todo o desenvolvimento do texto, o autor tem a finalidade de convencer o leitor de seus posicionamentos. Para tanto ele seleciona com mais regularidade as modalidades epistêmicas. Algumas vezes, para não assumir um discurso autoritário, ele atenua a modalização epistêmica utilizando o advérbio como “talvez”. Entretanto, a função desse advérbio pode não ser apenas de atenuar, mas de relativizar, ou seja, de mostrar sua não-certeza como em (15).

Ao duvidar de seus posicionamentos, tem-se a probabilidade que se refere à modalidade do crer.

De acordo com Alexandrescu (*apud* KOCH, 1996, p.83):

As modalidades do **crer** e do **saber** regem todo e qualquer ato de enunciação, já que todo ato de enunciação: a) requer um mínimo de informação da parte do locutor sobre o estado de coisas designado pelo enunciado; b) deve ser compatível com as outras enunciações do mesmo locutor. (*apud* KOCH, 1996, p. 83)

Assim, os autores deixam transparecer, a não-certeza também por meio do advérbio modalizador “talvez”. Desse modo, ao duvidar da veracidade dos fatos, utiliza-se como estratégia persuasiva uma atitude de “honestidade” em relação ao que se diz.

Entretanto, vale ressaltar que, para se construir um texto é necessário mais que honestidade, ou seja, é preciso que o autor explore recursos linguísticos para que o discurso seja envolvente e tenha credibilidade. “Para tornar o texto convincente, pouco adiantam manifestações de sinceridade do autor ou declarações de certeza expressas por construções como tenho certeza, estou seguro, creio sinceramente,...” (PLATÃO e FIORIN, 1996, p. 283).

Tanto na introdução como no desenvolvimento dos artigos científicos, o articulista se apóia em outros autores, fazendo-lhes referência. Segundo Platão e Fiorin (1996), essa estratégia linguística é chamada de argumento de autoridade, que é assim definida por eles:

É a citação de autores renomados, autoridades num certo domínio do saber, numa área da atividade humana, para corroborar uma tese, um ponto de vista. O uso de citações, de um lado, cria a imagem de que o falante conhece bem o assunto que está discutindo, porque já leu o que sobre ele pensaram outros autores; de outro, torna os autores citados fiadores da veracidade de um dado ponto de vista. (PLATÃO e FIORIN, 1996, p. 285)

Vejamos exemplos de argumentos de autoridade retirados do *corpus*:

(16) *Ressentimento* é definido pelo Houaiss como “mágoa que se guarda de uma ofensa ou de um mal que se recebeu”; O Robert, como “o fato de lembrar-se com animosidade dos males, das ofensas que se sofreu (como se os “sentisse” ainda). (FIORIN, 2007, p. 14)

(17) Pêcheux **sustenta** que os postulados saussurianos não foram devidamente respeitados e desenvolvidos pelas diversas correntes linguísticas do século XX (PÊCHEUX, 1998, p.8) (PIOVEZANI, 2008, p. 8)

(18) O Michaelis **enumera** os usos exemplificando todos, mas para cada Prep procede diferentemente. (BORBA, 2007, p. 139)

Assim, a função da modalidade epistêmica, nos exemplos (16), (17) e (18), é demonstrar que o autor tem domínio sobre aquilo que fala, e que seu ponto de vista coincide com o de outros autores, portanto, merecem credibilidade. Desse modo, ao fazer referências, o produtor textual não se vê sozinho com suas ideias.

5.3 Análise da função das modalidades nas considerações finais dos artigos científicos

Nas considerações finais, os autores dos artigos analisados, ao expor de maneira resumida seus resultados, utilizam expressões, tais como, “se pensarmos bem, provisoriamente, sugiro”. Essas expressões dão ao leitor a possibilidade de ampliação da pesquisa. Assim, observou-se que o articulista utiliza as modalidades epistêmicas e volitiva com a função de mostrar que suas conclusões são verdadeiras, confiáveis e, por acreditar que são relevantes, merecem mais investigações.

(19) **Se pensarmos bem**, são essas as substâncias que compõem a receita que molda o ambiente acadêmico em que vivemos: queixas, lamúrias, acusações, difamações, futricas, fuxicos, calúnias, mentiras, sob uma imagem de polidez e boa convivência. (FIORIN, 2007, p. 14)

No exemplo (19), o autor vê o leitor como cúmplice, pois o induz a pensar não só como ele, mas com ele, para chegarem juntos a uma mesma conclusão. Podemos dizer que, de maneira implícita, o articulista deseja a “parceria intelectual” do leitor. Esta é mais uma estratégia argumentativa que, como as outras, foi sendo construída ao longo do texto por meio das modalidades.

(20) Com vistas a encerrarmos *provisoriamente* nossa reflexão, limitar-nos-emos a um rápido comentário referente a dois pensadores incontornáveis na Análise do Discurso, quais sejam Pêcheux e Foucault. (PIOVEZANI, 2008, p.21)

No exemplo (20) estamos diante de um advérbio delimitador que pertence à categoria dos modalizadores epistêmicos. Os advérbios delimitadores, de acordo com Ilari (2002, p. 232), “estabelecem as condições para o entendimento de uma sentença ou de seus constituintes, restringindo o âmbito da informação veiculada”. O advérbio *provisoriamente* interfere no entendimento da proposição e “controla” se o assunto deverá ser finalizado ou não.

O termo provisoriamente nos dá a ideia de que a discussão será finalizada por um tempo determinado, mas também implica em um desejo de que ela seja retomada em

um futuro próximo. Estamos, assim, diante da ocorrência da modalidade volitiva atuando juntamente com a modalidade epistêmica.

(21) Com base nos posicionamentos teóricos expostos, **sugiro** o arranjo abaixo para Prep e Adv, ilustrando com *de*, preposição que foi o objeto de minha primeira publicação acadêmica (BORBA, 1965) e *dentro*: (BORBA, 2007, p. 145)

Já em (21), o produtor apenas “sugere” uma das análises possíveis em relação ao que foi pesquisado. “O enunciador faz recomendações ao interlocutor, com base na autoridade de autor e pesquisador bem-sucedido”. (CORACINI, 1991, p. 129).

Desse modo, a manifestação das modalidades na parte que se refere às considerações finais dos artigos científicos nos mostra que o autor deseja que a pesquisa prossiga, pois, para ele, o estudo feito não se esgota com apenas uma abordagem, um ponto de vista. Na realidade, o autor quer que sua pesquisa seja valorizada, que a sua análise assuma uma postura mais ampla.

Considerações finais

Tendo como base o funcionalismo de Halliday (1985), este estudo procurou verificar a regularidade com que as modalidades se manifestam e qual a função que elas desempenham na superestrutura dos artigos científicos, considerando não só a semântica como base de análise, mas também a sintaxe e a pragmática.

Na parte que se refere à introdução, a manifestação das modalidades alterna-se entre a possibilidade e a incerteza, pois ao iniciar um artigo, o autor busca respostas para os seus questionamentos, entretanto, as dúvidas se instauram. Dessa maneira, ele relativiza suas afirmações para não perder, logo de início, a credibilidade do leitor. Os verbos no presente do indicativo e no futuro do pretérito do mesmo modo estão presentes nos exemplos analisados. Os valores modais de possibilidade e de probabilidade estão sempre expressos nas introduções dos artigos analisados. É importante ressaltar que nesta parte do texto há também a incidência das modalidades aléticas e volitiva.

No que diz respeito ao desenvolvimento, a intenção do autor é comprovar a veracidade de sua pesquisa, e assim reveste-se de autoridade. Para tanto, utiliza da

certeza (modalidade epistêmica), e ao mesmo tempo, em uma atitude estratégica, deixa transparecer a dúvida, por meio dos advérbios modalizadores a fim de ganhar a adesão do leitor em relação àquilo que diz.

Nas comiserações finais do artigo científico, os articulistas, em geral, além de demonstrarem que seus enunciados são verdadeiros - modalidades epistêmicas - demonstram que existe o desejo de que a pesquisa seja ampliada, modalidade volitiva. Ou seja, os autores não oferecem respostas prontas e, ao avaliarem os dados analisados, sugerem novas pesquisas.

Concluimos, na análise dos três artigos científicos da área da Linguística, que os autores/produtores utilizam, principalmente, as modalidades epistêmicas tanto na introdução, no desenvolvimento como nas considerações finais. Entretanto, esse tipo de modalidade estabelece diferentes funções para cada uma dessas partes da superestrutura do texto. Já a modalidade volitiva aparece apenas na introdução e no final das considerações finais para marcar a sequência linear das partes do texto. Percebemos que as modalidades epistêmicas, aléticas e volitiva, comumente são utilizadas em textos científicos. Desse modo, nos artigos analisados, esse recurso linguístico parece estabelecer-se como uma regularidade.

Agradeço ao Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia pelas orientações dadas durante o mestrado, as quais resultaram na elaboração deste Artigo de Revisão.

Agradeço a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante o período de realização deste artigo.

REFERÊNCIAS

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução a linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2, p. 245- 285.

CASTRO, C. de M. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo**. O discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Pontes, EDUC, 1991.

GUIMARÃES, E.R.J. **Modalidade e argumentação lingüística**. São Paulo, Tese de Doutorado/USP, 1979.

ANDRADE, V. A. B.

ILARI, R. Advérbios modalizadores. ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Unicamp, 2002.

KOCH, I. V. **Argumentação e Linguagem**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

HALLIDAY, M. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. Brasil: Atlas, 1982.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PLATÃO, S.; FIORIN F. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1996.

SWALES, J. **English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil**. Campinas: UNICAMP/ IEL, Tese de Doutorado, 1991.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do Português falado**. V. VII: Novos estudos. 1a.ed.São Paulo / Campinas, SP: Humanitas/ Editora da UNICAMP, 1999a, p. 77-130.

TRAVAGLIA, L. C.. O relevo no processamento da informação (Cap. 5 - 2a parte). In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Org.). **Gramática do Português culto falado no Brasil** - v. 1: Construção do texto falado. 1999b, p. 673-697.

VAN DIJK, T. A. **La ciência del texto: um enfoque interdisciplinario**. Buenos Aires/Barcelona, Paidós, 1983.

Corpus

BORBA, F. S. **A informação gramatical nos dicionários**. Alfa, São Paulo, Disponível em <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/normas.php>. Acesso em: 10 jun. 2009.

FIORIN, J. L. **Semiótica das paixões: o ressentimento**. Disponível em <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/normas.php>. Acesso em: 10 jun. 2009.

PIOVEZANI, C. **Saussure e o discurso: O Curso de Lingüística Geral lido pela análise do discurso**. Disponível em <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/normas.php>. Acesso em: 13 jun. 2009.